

POR UMA EDUCAÇÃO FÍSICA PLURAL

Jocimar Daolio

Faculdade de Educação Física UNICAMP

A Educação Física, ao longo de sua história, sofreu uma influência muito grande das ciências biológicas, em especial, da medicina higienista. Eram os médicos, na segunda metade do século XIX, quem falavam de uma educação do homem brasileiro que incluía, além dos aspectos higiênicos, morais e intelectuais, a dimensão física. Para os homens, a educação física seria importante para a formação de indivíduos que se encarregariam da defesa da Pátria e se constituiriam em mão-de-obra qualificada. Para as mulheres, a ginástica, devidamente adaptada, seria útil no sentido de que ela gerasse uma prole saudável, contribuindo, assim, para a desejada eugenia da raça brasileira (Castellani Filho, 1988).

Há mais de 100 anos, portanto, que a Educação Física é influenciada pelas idéias higiênicas e eugênicas que nasceram no século XIX. Até hoje essa influência ainda pode ser sentida. Na formação profissional, tem sido evidente a ênfase das disciplinas biológicas. Na atuação profissional, ainda se prioriza a aptidão física dos alunos. Na visão de senso comum das pessoas que consomem a Educação Física, nota-se a relação com a saúde. A mídia, quando trata do tema, muitas vezes busca a opinião de médicos ao invés de professores de Educação Física.

Consideramos que a história biológica da Educação Física tem contribuído para uma visão de aluno como um indivíduo desvinculado de um contexto histórico, social, psicológico, político e econômico. E os corpos dos alunos, sobre e através dos quais a Educação Física atua, resumem-se exclusivamente em um conjunto de ossos, músculos, articulações, células e nervos.

Já defendemos em outro trabalho, que tem ocorrido na Educação Física um processo de biologização, naturalização e universalização do corpo. Em outros termos, se os corpos dos alunos forem vistos como um conjunto biológico, haverá uma tendência em encará-los como naturais. Daí para a idéia de universalização do corpo é um passo. Se os corpos forem vistos como unicamente biológicos, todos terão o mesmo corpo e as mesmas capacidades, e uma determinada prática servirá para todos os alunos sempre (Daolio, 1993).

As diferenças físicas dos alunos, quando percebidas pelo professor, quase sempre são explicadas a partir de sua natureza biológica, como se o comportamento motor dos alunos fosse unicamente consequência de sua carga genética.

A consequência mais grave de um tipo de aula que tem por substrato a visão biológica de homem e por objetivo o desenvolvimento das aptidões físicas é a sua incapacidade de trabalhar com as diferenças apresentadas pelos alunos. E quando falamos de diferenças, não nos referimos apenas às físicas, mas também às culturais.

O nosso referencial de análise da Educação Física tem sido a partir das contribuições da Antropologia Social, ciência que lida diretamente com a questão da dinâmica cultural. Sociedades diferentes, obviamente, possuem dinâmicas culturais diferentes, que farão com que indivíduos de uma e outra

apresentem-se com especificidades próprias. Em termos estritamente culturais, não podemos afirmar que um é melhor do que outro; eles são frutos de processos culturais diversos (Laplantine, 1988).

É na Antropologia da primeira metade deste século que encontramos um autor francês, Marcel Mauss, que se preocupou, em um de seus trabalhos, com a questão do corpo. Ele definiu “técnicas corporais” como sendo as maneiras como os homens tradicionalmente, e de maneira particular, sabem servir-se de seus corpos. Portanto, qualquer gesto é um ato técnico porque possui, ao mesmo tempo, uma tradição e uma eficácia simbólica. A tradição garante que um determinado movimento seja transmitido de geração a geração. A eficácia simbólica garante que esse ato físico atenda a uma demanda de um dado grupo, se não num nível de eficiência, porém num nível simbólico (Mauss, 1974).

Talvez um exemplo possa esclarecer essa distinção entre a eficiência e a eficácia simbólica. O saque “jornada nas estrelas” não é uma técnica eficiente no jogo de voleibol, já que implica em mais erros que acertos. Porém, há alguns anos, qualquer criança que estivesse jogando voleibol, só utilizava este tipo de saque, apesar do grande risco de errar. Naquele momento o saque “jornada nas estrelas” era dotado de uma alta eficácia simbólica, porque era praticado por um ídolo nacional do voleibol e, em consequência, valorizado no grupo de amigos.

Se qualquer movimento é um ato técnico, não podemos falar numa técnica considerada perfeita, ou correta, senão num contexto e numa situação devidamente delimitados. Ora, o que a Educação Física tem afirmado ao longo dos anos é justamente que existe uma técnica correta e, quase sempre, o modelo padronizado é o do esporte de alto nível. Assim, a Educação Física se coloca como objetivo o ensino da técnica da bandeja, do arremesso, do saque

por cima etc. Ao eleger alguns movimentos como melhores, ela acaba por desconsiderar outras formas de expressão corporal (Daolio, 1995).

A Educação Física sempre exigiu de seus alunos a eficiência, quer seja ela biomecânica, fisiológica ou em nível de rendimento esportivo. Ao buscar essa eficiência, desconsiderou a eficácia simbólica, ou seja, as maneiras como os alunos lidam, culturalmente, com as formas de ginástica, as lutas, os jogos, as danças e os esportes. Eficácia que pode, algumas vezes, não funcionar em termos biomecânicos, fisiológicos ou de rendimento esportivo, mas que é a forma cultural como os alunos utilizam as técnicas corporais.

Nessa linha de raciocínio, pode-se dizer que a Educação Física escolar não deve ter por objetivo o ensino de uma técnica considerada eficiente, já que, ao fazer isso, pode estar desconsiderando as formas culturais características do grupo alvo de um determinado programa. A Educação Física escolar não deve se colocar como aquela que escolhe qual a técnica que deve ser ensinada, mas deve ter como papel oferecer uma base motora, a partir da qual o aluno pode praticar ou não a técnica eficiente.

A função da Educação Física escolar, a nosso ver, não é ensinar o Basquetebol, ou o Voleibol, ou o Handebol, mas utilizar atividades valorizadas culturalmente num dado grupo para proporcionar uma base motora que permita ao aluno, a partir da prática, compreender, usufruir, criticar e transformar as formas de ginástica, as danças, as lutas, os jogos e os esportes, elementos da chamada Cultura Motora (ou Corporal, ou Física).

Estamos falando de um conhecimento, cuja transmissão é responsabilidade da Educação Física. Conhecimento a respeito dos esportes, das formas de ginástica, das danças, jogos e lutas. E quando falamos de conhecimento, não nos referimos apenas a um processo cognitivo, transmitido

de forma teórica. Estamos entendendo conhecimento no seu sentido amplo, incluindo os níveis cognitivo e motor, com suas implicações emocionais, sociais, históricas e políticas.

Assim, trabalhar com o esporte não significa restringir-se ao ensino e prática das técnicas utilizadas no alto nível. Significa também proporcionar o estudo da história da modalidade, sua chegada ao Brasil, suas implicações sociais, sua organização política, a evolução dos conceitos táticos, sua organização em federações etc. Não se trata de ensinar a modalidade esportiva em si, mas de, a partir dela, praticar, pensar, criticar, organizar, enfim, participar com autonomia da Cultura Corporal relativa aos esportes. Dessa forma, não é necessário ser um exímio praticante para ter acesso à cultura motora esportiva. Da forma como vem sendo feito, só os que são hábeis, praticam. Os que não são, não têm chances e, via de regra, acabam detestando os esportes e as aulas de Educação Física.

Propor uma prática escolar de Educação Física Plural significa fazer com que esta prática seja a mais democrática possível, colocando seus serviços à disposição de todos os alunos. Para isso, é necessário considerar as individualidades dos alunos, expressas nas diferenças apresentadas por eles. Portanto, uma prática que tenha por objetivo a execução de gestos padronizados não estará respeitando a individualidade dos alunos. Uma Educação Física Plural tentará considerar, num sentido mais amplo, o contexto sócio-cultural onde ela se dá, e, num sentido mais específico, as diferenças existentes entre os alunos. Só assim será garantido o direito de todos e de cada um à prática de Educação Física na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- CASTELLANI FILHO, L. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. Campinas, Papirus, 1988.
- DAOLIO, J. Educação Física escolar: uma abordagem cultural. In: PICCOLO, V.L.N. org. Educação Física escolar: ser...ou não ter? Campinas, UNICAMP, 1993.
- _____. Da cultura do corpo. Campinas, Papirus, 1995.
- LAPLANTINE, F. Aprender Antropologia. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974, 2v.